

**MEMÓRIAS DE UM MUSEU EM ESQUECIMENTO: A BASE AREA DE
AMAPÁ E O ENSINO DE HISTÓRIA:**

Arleno Amoras Correa
Mestre em Ensino de Historia
Professor da Educação Básica pelo Governo do Amapá e Município de Ferreira Gomes
amorashis@yahoo.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pretensão dessa comunicação é apresentar orientações para o professor de História em como trabalhar com as imagens acerca da Base Aérea no Amapá e a Segunda Guerra Mundial, suscitadas a partir das reflexões teóricas e práticas realizadas durante pesquisa desenvolvida para o Programa de mestrado profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Amapá, entre os anos de 2016 e 2018, na dissertação “Memórias de um museu em esquecimento: a Base aérea de Amapá e o ensino de Historia.”

O BRASIL, A GUERRA E A BASE AÉREA DO AMAPÁ.

O município de Amapá, localizado ao leste do Estado do Amapá, próximo do litoral do Atlântico Sul, dentro do norte do Brasil, é um dos espaços mais profícuos para a prática de Ensino de História em espaços não formais. As memórias da Segunda Guerra Mundial são presentes no cotidiano daquele local, especificamente pelas ruínas das lembranças do conflito bélico, hoje chamado de Museu da Base Aérea de Amapá.

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito entre os países do mundo que envolveu, também, o Brasil. Segundo Hobsbawm (1995), diferente do embate antecessor, a Primeira Guerra (1914-1918), esse tem uma causa única que foi as transgressões de Alemanha, Itália e Japão.

O Brasil é participe desses acontecimentos tão somente em 1942, com 3 anos do andamento dos litígios, quando o presidente Getúlio Vargas põe fim a política neutra após uma certa ambiguidade entre alemães e americanos, em verdade como argumenta Moura (1980), uma estratégia de equidistância pragmática para conseguir o melhor

aliado, em outras palavras, aquele país que pagasse os melhores subsídios para a indústria siderúrgica nacional e o projeto de reaparelhamento das forças armadas.

A escolha pelo lado americano é baseada nesse interesse e trouxe uma série de consequências para o país. Além do necessário suporte militar de tropas no além-mar, o Brasil, todavia, é responsável pelo apoio logístico. Com a cessão dos territórios nas saliências litorâneas, os aviões e militares aliados podem articular uma boa estratégia antes de seguirem para os continentes africano e europeu. São eleitos os espaços nordestinos e nortistas, com destaque para a cidade do Amapá, com a construção de uma Base Aérea.

Ademais, cabe uma discussão regionalizada do tema, pois é nesse momento que o Amapá passa por uma discussão nacional em termos do seu papel enquanto ente federativo. Apesar do debate e preocupação da área como estratégica, é nesse momento que o Amapá se torna território federal. Entretanto, de forma pensada, a cidade do Amapá é reconhecida como a primeira capital daquele território, sobretudo pela sua importância nos desígnios do conflito bélico mundial, como dizem Cavlak e Granger (2014).

ENSINO DE HISTORIA E IMAGENS: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DO CATÁLOGO ICONOGRÁFICO DA BASE AÉREA DE AMAPÁ

Como parte do reaproveitamento do espaço abandonado, os governos estaduais do Amapá nos anos de 1990 repensaram o uso desses locais. Como mostra a imagem 2, o projeto da construção de um Museu é feito pelo então governador João Capiberibe a partir de uma nova concepção cultural com a valorização dos espaços museológicos em sua administração. Assim, pode-se dizer que o novo significado dado a Base Aérea do Amapá tem que ver com uma discussão dos seus usos e abusos de memória pela autoridade oficiais. Como defende Nora (1993), esse “lugar de memória” atualizado e recriado pretende simbolizar uma exercício de poder daqueles que possuem a força de criar memórias oficializadas. Portanto, o projeto de reutilização da Base aérea do Amapá como local de museologia é uma estratégia de memória das autoridades locais em preservarem um certo tipo específico daquilo que passou.

A partir dessa conceituação e do papel da Base Aérea de Amapá como lugar de memória, entende-se que ela é um importante instrumento metodológico para a utilização no Ensino de História. Um papel ativo no ensino e aprendizagem histórica distante da função decorativa e ilustrativa que muitos espaços não formais ganham pelas salas de aula no Brasil. Como defende Bittencourt (2008), ao professor de história é necessário discutir com o seu aluno como se dá o papel dos museus e “lugares de memória” como fontes não escritas, mas também enquanto um local de memórias, narrativas, personagens históricos, dentre outros.

O professor de História precisa ter um papel ativo nessa busca para apresentar o museu como algo com significado histórico. Assim, com essas reflexões e problematizações, foi construído entre os anos de 2016 a 2018, o Catálogo Iconográfico, Base Aérea de Amapá – Uma base para o Ensino de História. Esse produto aponta uma série de utilização e orientações para o trabalho de imagens/iconografias nos espaços escolares em relação ao tema pesquisado.

Como defende Correa (2018b, p. 5) existem três sentidos para o trabalho com essa metodologia que explora a Base Aérea de Amapá. Acerca do primeiro sentido que é o uso das imagens, diz o autor:

A comunicação através de signos visuais é uma característica humana, que se confundir com sua própria caminhada destes ao longo dos séculos. Muito embora nos dias de hoje, a comunicação visual tenha perdido destaque para a comunicação oral, é preciso destacar que ela foi primordial para a humanidade, inclusive, tendo surgida antes da comunicação oral, pois desde os períodos pré-históricos, o homem tentou se fazer entender por esse meio de desenhos nas paredes de cavernas. Na atualidade, é indiscutível que vivemos na “era da informação”. Essas informações estão sempre permeadas e associados às imagens, o que nos faz crer que a sua importância enquanto comunicação, vem retornando.

Mas do que nunca tem se feito necessário conhecer, e saber interpretar os signos visuais, diante do bombardeio que os meios de comunicação impõe diariamente. No que concerne ao uso para o Ensino de História, sabe-se que já vem sendo uma das ferramentas mais acessadas pelos profissionais de História que lidam diretamente como o ensino da Educação Básica. Entretanto, a julgar pelos debates suscitados dentro do Ensino, o simples fato de se utilizar imagens em suas aulas, precisa ser refletido mais cautelosamente.

O uso das imagens pelo professor de História, deve superar o caráter ilustrativo ou de apêndice curioso, em que rotineiramente as imagens adquirem nas aulas. Faz se necessário um parâmetro teórico, no qual, ao professor, seja oportunizado distinguir as múltiplas possibilidades imagéticas que lhe estão disponíveis, a exemplo: fotografias, ilustrações, charges, artes plásticas, cinema e ultimamente os “Memes”. Quem faz uso pedagógico de

imagens deve estar ciente da influência ideológica que essas carregam. Ou em outras palavras, as atividades em sala de aula que se baseiam na linguagem visual devem orientar os alunos a perceberem que as imagens produzidas em qualquer contexto histórico não são isentas de ideologias.

A preocupação de Correa (2018b) é com o presenteísmo e o excesso de infomações e imagens da contemporaneidade. Em suas problematizações fica evidente a necessária superação do “caráter ilustrativo” das iconografia, bem como já foi apontado igualmente para com os trabalhos de campo com os espaços museológicos. Ademais, na construção de uma aula dialógica entre professor e aluno, o papel da problematização e reflexão no sentido de mostrar que as imagens possuem ideias, caminhos, narrativas escondidos, em suma são ideológicas.

Em seguida, o autor demonstra o segundo sentido metodológico que são as orientações para o uso da iconografia. Então, ele defende o seguinte:

Uma imagem é algo que foi produzido, passível, portanto de uma série condições na sua elaboração. Devemos ter o olhar trabalhado para nos tornar perceptível essas condições de quem produziu a imagem. Então diversos questionamentos podem e devem ser suscitados ao se usar iconografias nas aulas de História. Devemos estar atentos a: A) Procedência: Precisa-se indagar sobre quem fez? Como fez? Onde? E como se deu a sua conservação. B) Finalidade: Nesse campo, é preciso descobrir que objetivo levou a ser feito? Tem importância para a sociedade que produziu? E com quais finalidades. C) Tema: Nesse quesito importa perceber se existe título? Se pessoas são expostas e quem são, como se vestem e /ou se comportam. D) Estrutura Formal: Qual é o material que é usado? Papeis? tela? Fotografia? E) Simbolismos: Há simbolismos sendo retratados? Quais? Geram interpretações? (CORREA, 2018b, p. 6)

Assim, o autor propõe uma estrutura metodológica para a abordagem das iconografias que tem cinco significados que são: procedência, finalidade, tema, estrutura formal e simbolismo. As perguntas síntese na análise de uma imagem são, respectivamente, 1) Onde?; 2) Para quê?; 3) Qual conteúdo?; 4) Qual a constituição?; 5) Qual simbologia e significados? Com essas problematizações, os professores de História em uma aula dialógica com seus alunos conseguem superar o modelo descritivo e ilustrativo das imagens/iconografias pertencentes ao Ensino de História.

E para encerrar os significados metodológicos em imagens/iconografias, o terceiro passo são as atividades propostas como auxílio pedagógico após os dois primeiros momentos. O terceiro aspecto são sugestões de atividades, tais como, a seguir:

A) Visita no local/ busca em arquivos familiares, órgãos oficiais e Internet. B) Fotografar para comparativos antes/agora. C) propor a confecção de ilustrações, gravuras, etc. D) Propor a criação de Memes. E) Sugerir exposições de fotografias antigas. F) Solicitar a construção de croquis. G) Montagem de linhas do tempo, com uso das fotografias disponibilizadas. H) Identificação das áreas da BAA em fotografias virtualmente modificadas. I) Criação de documentários com fotografias, em slides-show. J) Concurso da melhor fotografia, gravura, ilustração e Logomarca para o Museu da Base Aérea. (CORREA, 2018b, p. 7)

As diversas proposições de atividades, mais uma vez, são sugestões antes que imposições do docente de História sobre a Base Aérea de Amapá. É óbvio que cada espaço escolar possui as suas diferenças e especificidades próprias, o que deixa o professor com a necessária opção em seguir ou adaptar os exercícios conforme os ritmos de ensino e aprendizagem históricas dos seus alunos.

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA IMAGENS E ICONOGRAFIAS DA BASE AÉREA DE AMAPÁ NO ENSINO DE HISTÓRIA

Nessa seção, são feitas sugestões pedagógicas para o professor de História trabalhar em sala de aula a temática. São levadas em consideração os três aspectos metodológicos sinalizados na seção anterior, quando foram colocadas as iconografias para reflexão.

Uma primeira imagem para ser analisada nos espaços escolares é a necessária percepção para os alunos de como era a Base Aérea de Amapá no século XX.

Imagem I – A Base Aérea de Amapá no século XX



Fonte: CORREA, 2018a, p. 38.

Com essa imagem apresentada aos discentes, o professor de História pode iniciar as suas reflexões para uma melhor aprendizagem histórica. Assim, as perguntas base da discussão são aquelas retratadas anteriormente, mas não se limitam apenas elas. Por exemplo, em uma pergunta simplória, o docente pode perguntar o que vocês estão observando? A resposta mais coerente e corriqueira tem que ver com os aspectos mais objetivos da iconografia, quer dizer, as florestas, montanhas e natureza. Entretanto, é preciso ir além, e buscar os significados de procedência, finalidade, tema, estrutura formal e simbolismo.

Na procura pela origem, é fundamental destacar o decreto 14.131 de 31 de dezembro de 1943, responsável pela desapropriação das terras na imagem 1. A partir dessa fonte oficial, faz-necessário apontar os motivos dessa ação governamental, quer dizer, o destaque a justificativa alegada de segurança nacional é uma narrativa histórica a ser destacada. Porém, é preciso ir além, e apontar as finalidades mais escondidas, no caso, o interesse econômico do governo brasileiro em conseguir financiamento para as suas indústrias de base. Ele legitima as estratégias tomadas no norte do país, inclusive sem a menor responsabilidade ambiental. Aproveitando-se dessa observação, e aprofundando as orientações pedagógicas, o professor de História pode colocar os problemas ambientais contemporâneos em comparação com aqueles produzidos na cidade do Amapá. Sempre em sentido de questionamento: Houve preocupação ambiental com a fauna e flora? A população local teve seus direitos respeitados?

Essas reflexões em espaços escolares são fundamentais para que os alunos comecem a compreender como funcionou a Base Aérea de Amapá no século XX. Para os docentes alocados no Estado do Amapá, ademais, é importante fazer algumas incursões em campo com seus alunos, para que possam perceber como são os espaços não formais de ensino. Nesse sentido, a Escola Estadual Vidal de Negreiros é um polo logístico para o trabalho com os espaços museológicos.

Na próxima imagem, o professor Arleno Correa, docente em História, acompanhou discentes da professora Maria Clara da Escola Estadual Vidal de Negreiros, para que conseguissem conhecer e refletir sobre a Base Aérea de Amapá transformada em Museu, como um novo “lugar de memória”. A visita produzida entre

os anos de 2016 a 2018, consegue dar significado palpável e real para os discentes após as imersões no tema nos espaços escolares. No caso da imagem 2, a aluna está próximo a uma das construções reapropriadas pelo poder público chamada Casa de Força.

Imagem II – Aluna da Escola Estadual Vidal de Negreiros em visita ao Museu da Base Aérea de Amapá



Fonte: CORREA, 2018b, p. 56.

Na visita, são necessárias reflexões sobre o papel dessas construções no século XX, durante o conflito bélico, bem como, demonstrar a mudança de sentido quando o local passou a ser um espaço museológico. Diferente do papel ativo de um período de litígios, a construção passou a ser local de lembranças e memórias oficializadas pelo governo estadual. As várias narrativas históricas tratadas conforme a conjuntura é mais um aspecto simbólico para ser retratado com os alunos quando ocorre a participação em campo.

Também, a percepção da finalidade da Casa de Força é uma maneira de fazer com que os alunos entendam os significados históricos daquele prédio para o funcionamento da Base Aérea de Amapá durante os anos de 1940. No caso, ela possuía a funcionalidade de garantir a energia elétrica para aquele local. Dito isto, como fazer uma comparação com os tempos contemporâneos? A reflexão que o docente em articulação com seus alunos deve fazer é no sentido de perceber como a energia é um elemento fundamental para as sociedades, seja para garantir que ocorra conflitos, seja para meios pacíficos, como o ato simplório de assistir televisão pelo celular.

Imagem III – Soldados em confraternização em bar a e a Geladeira ao fundo



Fonte: CORREA, 2018b, p. 14.

A imagem 5 reafirma o último parágrafo, pois traz para a discussão e reflexão histórica em sala de aula, o momento de lazer dos soldados após o cumprimento das suas obrigações militares na Base Aérea de Amapá. Também, com a geladeira ao fundo, percebe-se que a energia elétrica do lugar está funcionando, como dito antes uma das finalidades da Casa de Força. Em um diálogo com o tempo presente, o docente e os alunos podem problematizar as possíveis semelhanças de divertimento do século XX e do século XXI: Quais os tipos de diversão no passado e presente? Ao notar os detalhes simbólicos da iconografia existem dois caminhos a serem apontados, em primeiro lugar a socialização de grupos sociais com bebidas alcoólicas. Esse fenômeno é antigo e muito corriqueiro atualmente, com as suas diferenças, já que as pessoas seguem para os locais apropriados que são bares, casas de show, etc. Em seguida, segundo lugar, a ideia de reunião em pequenos nichos sociais para conversar, momento em que além das histórias sobre o conflito bélico, a política interna dos Estados Unidos, lembra-se dos amigos e familiares distantes no além-mar. Quantas vezes essa última ação não é feita pelas pessoas com seus amigos em reuniões sociais?

Imagem IV – Soldados americanos jogam beisebol na Base Aérea de Amapá



Fonte: CORREA, 2018b, p. 9.

Outro momento de uso pedagógico da iconografia em sala de aula é a imagem 4, momento em que os soldados americanos estão liberados dos seus serviços militares e praticam o beisebol. A partir do modelo metodológico proposto, pode-se começar as reflexões pela exploração do tema em curso na imagem. A resposta dos alunos tende a ser pela prática de esportes, com certa dificuldade em reconhecer a prática americana. Assim, ao docente, tecer considerações do passado e presente são vitais pela perspectiva da pouca aceitação cultural do Brasil com esse esporte. É muito difícil no *ethos* nacional a aceitabilidade de algo que não é o futebol. Nessa problematização fazer a comparação com vizinhos sul-americanos é necessário para perceber o enraizamento americano em alguns lugares, como é o caso da Venezuela e Colômbia. Esses dois locais são banhados tanto pelos biomas amazônicos quanto caribenhos, esse último uma chave explicativa fundamental, já que os países da América Central (Cuba, República Dominicana, Haiti, etc.) fazem do beisebol a principal prática esportiva da nação.

E em sequência com a proposta metodológica, é bom perguntar qual o objetivo dessa prática esportiva em meio a Base militar americana no Amapá? A primeira resposta tem que ver com a necessidade de desconectar os soldados dos assuntos políticos e militares. Assim, com momentos de lazer, a vida na cidade de Amapá se torna menos cansativa e pesada. A segunda resposta é a manutenção dos valores americanos em solo estrangeiro, porquanto o beisebol é uma necessária lembrança da pátria pelo qual os homens estavam lutando naquele momento. Por fim, a terceira resposta passa pela manutenção de atividades físicas, mesmo que em momentos de lazer, o que torna o corpo e a alma preparados para o combate.

Imagem V – O soldado e o macaco



Fonte: CORREA, 2018b, p. 20.

A imagem 5 em que o soldado americano interage com o macaco nativo é uma das iconografias com maior valor simbólico. Dentre dos itens metodológicos, o simbolismo tem como intenção apontar aquelas interpretações e análises mais escondidas daqueles que tentam olhar para a fotografia. Nesse caso, a sutileza está em perceber as contradições da relação entre o ser humano e a natureza. Uma pergunta para ser trabalhada com os alunos é: O que a relação entre homem e macaco quer dizer? Espera-se que a aprendizagem histórica traga como atitude a ideia de que o homem com a sua possível arrogância interage com os moradores naturais da cidade de Amapá. Além disso, na interação utiliza equipamentos tecnológicos que são capazes de destruir não apenas a civilização humana, mas também outros moradores do globo. Esse debate que perpassa a condição de existência se torna um caminho a ser seguido ainda mais que os descendentes amapaenses são cercados por uma densa floresta, muitos inclusive praticam esse relacionamento com animais silvestres. A relativização do papel da tecnologia é um tema crucial, pois em muitos sentidos as pessoas acreditam que eles apenas trazem benefícios, quando em verdade a maioria são produzidas para a guerra, como a internet ou a energia nuclear.

Imagem VI – A relação social entre os “soldados” e a população local



Fonte: CORREA, 2018b, p. 23-24.

Uma discussão pedagógica em sala de aula é o tema dessa imagem 6, onde aparecem supostos soldados americanos em interação social com as pessoas da região de Amapá. Para direcionar os trabalhos no espaço escolar, a pergunta síntese é: Quais as

simbologias do encontro entre os dois povos? As respostas dadas possuem uma infinidade de possibilidades. Mas um destaque a ser dado é a demonstração da integração entre duas culturas diferentes, apesar das diferenças sociais, linguísticas, etc. Essa iconografia modifica radicalmente a percepção de que os soldados são máquinas de destruição de pessoas e por isso não possuem atitudes nobres e humanas. Ao contrário, em muitos momentos eles foram responsáveis pela construção de algumas melhorias no cotidiano da população local. Ademais, em muitos casos, ocorreu um relacionamento mais íntimo entre eles e os populares amapaenses. Essa é uma tática importante para conseguir se acostumar a realidade diferente da sua praticada pelos militares estrangeiros. Em outros termos, o conhecimento social das pessoas da região traz benefícios de outras ordem, como o conhecimento de informações da natureza e da própria forma de atuar nas florestas e faunas.

Imagem VII – Os Zepelins americanos

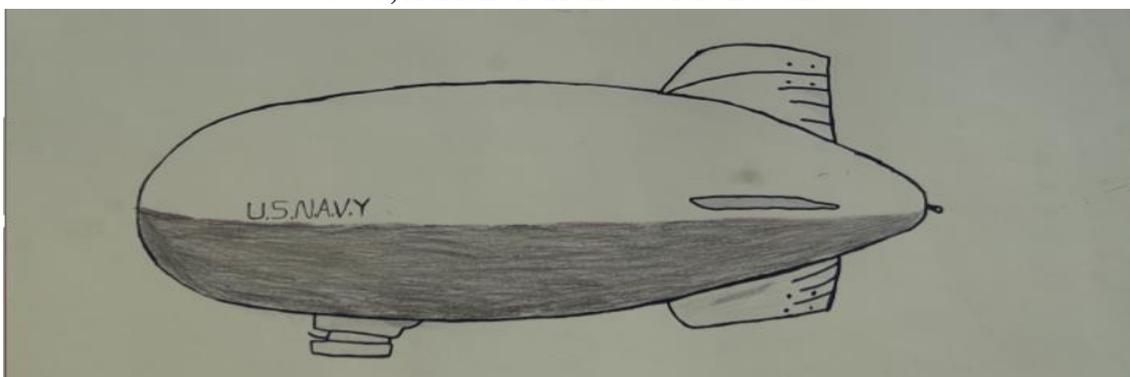


Fonte: CORREA, 2018b, p. 29-30.

A imagem 7 é a primeira da série apresentada nesse capítulo que enfoca nas armas e tecnologias bélicas. A assertiva é feita porque é comum o alunado ter uma preferência pelos assuntos militares em decorrências de outros níveis. Entretanto, esse trabalho não procura se fixar apenas nas armas de guerra, mas em outros detalhes como entretenimento, sociabilidade, dentre outros. Para começar uma possível problematização da iconografia acima, a proposta metodológica tem que percorrer pelo tema, então, questiona-se: Qual o assunto da imagem? As respostas podem ser objetivas ou subjetivas mais devem percorrer pela necessária correlação entre conflito bélico, economia e tecnologia. O docente de História tem que questionar seus alunos pela

relação entre desenvolvimento econômico e tecnologia, especialmente quando essa última é criada pelos auspícios poucos nobres, quer dizer, a fim de que os países aumentem a sua segurança e defesa. O balão *U.S navy*, tecnologia americana, tem que ser problematizado também pela pergunta metodológica: Qual a sua finalidade? Nesse quesito, as possíveis discussões tem que passar pela sua utilidade na costa litorânea do Atlântico Sul como elemento de monitoramento e vigilância contra possíveis inimigos do Eixo. Entretanto, para além disso, em conexão com a realidade presente, quais foram as consequências da invenção dessa tecnologia? As pessoas após a guerra começam a usar para lazer, onde passeios turísticos são feitos ao redor do globo. Mais uma vez o papel da tecnologia militar passando depois para uso pacífico e civil, como a internet no período da Guerra Fria. O docente em História, por fim, tem como utilizar o terceiro direcionamento metodológico com a intenção de passar exercícios de aprendizagem para seus alunos. A próxima imagem mostra essa experiência do docente, Arleno Correa, com os alunos da Escola Estadual Vidal de Negreiros.

Imagem VIII – Desenho produzido pelos alunos Naya Martins, Bruno Assunção, Kaike Costa, Adriano Ferreira e Cleison Souza



Fonte: CORREA, 2018b, p. 81-82.

A produção dos alunos no ano de 2018 é uma forma pedagógica de ampliar os espaços de ensino e aprendizagem histórica. Para além das visitas de campo demonstradas em outros parágrafos, o item C, sobre a proposição de ilustrações, desenhos, pinturas e etc., são fundamentais para que o alunado possa dar maior significado aquilo que está aprendendo nos debates dos espaços escolares. A prática, nesse caso, de desenhar os Zepelins americanos dão uma maior autonomia intelectual para eles que certamente não vão esquecer dessas tecnologias de guerra, com seus

aspectos positivos e negativos para a humanidade. Quando visualizarem na televisão pessoas passeando em balões, a comparação será inevitável entre aquilo que aprendeu nos debates e desenhando a partir dos pedidos dos docentes.

Ambos, aluno e professor, constroem o conhecimento quando articulam ações coletivas para o ensino e aprendizagem. As produções dos alunos, como exercícios de aprendizagem histórica, dão maior sentido a essa assertiva, já que evita uma centralidade das ações no doente de história com seu conhecimento especializado.

Imagem IX – Local de atração dos Zepelins



Fonte: CORREA, 2018b, p. 87-88.

A imagem 09 retrata o local de atração dos Zepelins americanos durante os anos de 1940. Dentre as perguntas necessárias para problematizar essa tecnologia logística de guerra, questiona-se: Qual a sua finalidade? Os discentes devem discutir com o docente acerca desse papel necessário para que os “balões” estadunidenses pudessem ter seu local de aporte. A partir disso, a proposta pedagógica como exercício de aprendizagem histórica é solicitar aos alunos que busquem informações sobre o local e o que funcionavam neles. Uma possível forma de ensinar os alunos a desvendarem essa atividade é falar nos buscadores de internet como ferramentas fundamentais para a pesquisa e descoberta. Obviamente que nesse processo de ensino, os docentes precisam ensinar a usar internet, como escrever um site e seu domínio, quais palavras-chave utilizarem para buscarem informações, dentre outras orientações. Com isso, os alunos ficam munidos de melhor capacidade de filtrar coisas pertinentes para a pesquisa histórica, e menos suscetíveis de fazerem pesquisa sem filtro e critérios qualitativos, seguramente os torna melhor pesquisadores e produtores de informação.

Imagem X – Lavanderia do Exército Americano



Fonte: CORREA, 2018b, p. 87-88.

No mesmo sentido da imagem anterior, nessa mais uma vez é demonstrado um prédio utilizado no período da guerra na Base Aérea de Amapá, a lavanderia do exército americano. Nas discussões em espaços escolares ou nas idas aos espaços não formais, o docente tem que se utilizar do item metodológico que versa acerca do objetivo daquela construção durante os acontecimentos passados. Atualmente, local abandonado pelo poder público, teve um papel importante em dar apoio as tarefas domésticas de limpeza das vestimentas militares. Nesse diálogo, a comparação com o presente é fundamental, ao ser questionado aos discentes quem exerce essa função nos dias de hoje, nas suas casa, escolas, trabalhos?

Em conjunto com essas indagações, o docente de História tem que solicitar aos discentes que produzam uma atividade de pesquisa e descoberta da finalidade daquele prédio. Novamente, como nas orientações da imagem 9, o professor de história tem que ensinar como pesquisar na internet, quais domínios consultar, que palavras-chaves utilizar, dentre outras orientações. Esse momento é fundamental porque se torna um divisor de águas entre uma boa pesquisa e uma pesquisa frágil. O alunado tem pouca habilidade e competência para com essas mecanismos de pesquisa especializados, então cabe ao docente ensiná-los. Lembrando que são sugestões e nunca uma forma de tolher as autonomias intelectuais individuais de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo propôs orientações pedagógicas para o uso de imagens e iconografias sobre a Base Aérea de Amapá no Ensino de História. A necessária percepção dos lugares de memória do local, na primeira metade do século XX criada como espaço logístico para a Segunda Guerra Mundial, e em seguida na segunda metade do mesmo século, transformado em museu pelo poder público, dá vários sentidos históricos para determinados lugares.

A estrutura metodológica pensada para análise de iconografias e imagens têm três partes que incluem o pensar/refletir sobre essa escolha pedagógica; a proposição específica de formas de análise (procedência, finalidade, tema, estrutura, simbologia); e as propostas de exercícios de aprendizagem histórica (desenhos, visitas de campo, linhas do tempo, croquis, documentários, concursos, dentre outros). Essa tríada serve como orientação e sugestão para que os docentes utilizem dentro o Ensino de História em suas práticas não apenas para o tema em questão, bem como adaptados à realidade de outros locais, ou mesmo com a mudança de temática. Agora, para o docente de História do Amapá, a utilização é fundamental, já que existem pouquíssimas práticas profissionais que aportam tal proposta.

Dessa forma, as imagens e iconografias analisadas foram pensadas a partir dessa estrutura metodológica, apesar de que ela não é limitante, pois em muitos momentos as reflexões e problematizações rompem com essa lógica. O importante papel diagnosticado da Base Aérea de Amapá como local de sociabilidade antes que tão somente espaço de disciplina e hierarquia militares, repensa ao fim e cabo como funcionam os tempos de guerra. Ademais, a necessária relação dos soldados americanos com a população local é outro elemento a ser assinalado na análise, já que mostra um olhar mais humano e menos artificial daquelas pessoas. Por fim, a tecnologia bélica em sua contraditória relação com o homem e o espaço, ora com benefícios, como a energia elétrica, ora com prejuízos, como as armas.

Portanto, uma base para o Ensino de História, não é apenas um monumento morto e sem significado, são locais não escolares capacitados com práticas pedagógicas e metodológicas que dão novos sentidos para aquelas memórias de outrora. Ganham com esse novo olhar os personagens históricos envolvidos no processo de ensino e

aprendizagem históricas, como docentes, discentes, comunidade escolar, em suma, o Ensino de História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, C. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

CAVLAK, I.; GRANGER, S. Entre criação do Amapá e intercâmbios econômicos, as consequências da Segunda Guerra Mundial nas relações entre o Brasil e a Guiana Francesa. **Fronteiras & Debates**, Macapá, v. 1, n. 1, p. 67-80, 2014.

CORREA, A. **Memórias de um museu de esquecimento: A base aérea do Amapá e o Ensino de História**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018a, p. 109.

CORREA, A. **Base Aérea de Amapá – Uma base para o Ensino de História**. Catálogo Iconográfico (Mestrado Profissional em Ensino de História), Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018b, p. 88.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOURA, G. **Autonomia na dependência – A política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NORA, P. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Traduzido por Yara Khoury. **Prof. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez./1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 30/10/2017.